

## **Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo analisar como é percebida e subjetivada a violência simbólica na escola por estudantes afrodescendentes e o papel dos principais atores e atrizes envolvidas no contexto da Escola Juracy Magalhães Jr., situada em Cacha Pregos, Vera Cruz, região metropolitana de Salvador, BA. A hipótese central é de que a violência simbólica não produz dor física de imediato, pois se trata de uma construção social que, organizando-se subjetivamente de forma individualizada, é um componente vital dos mecanismos de reprodução da desigualdade e se inicia na família e na escola. Além disso, a estrutura social brasileira é marcada pela desigualdade social, em que a raça é determinante e consolida a força simbólica da violência. Qualquer que seja o movimento de resistência acaba sempre sendo visto como indolência, indisciplina e delinquência do crime organizado, do tráfico e que ameaçam o ambiente escolar. Nesse estudo, foram comparados diversos olhares de quem vive cotidianamente neste cenário: corpo discente, corpo docente, pessoas gestoras, corpo técnico-administrativo e pais e/ou responsáveis. Na sequência, foram focalizadas as representações dos sujeitos sobre as violências. O “corpus” do estudo foi estruturado através de gravações das entrevistas em áudio, transcrição e posteriormente análise. Para investigar respostas obtidas, foi utilizada a base teórica da Análise do Discurso francesa, ciência interpretativa que analisa e mobiliza questões relacionadas à história, à linguagem e à psicanálise. Este estudo tem o intuito de teorizar sobre a questão racial e as violências no ambiente escolar, apontando para viabilidade da construção de uma nova pedagogia, pautada na resiliência, como um possível caminho de superação do quadro de violência no ambiente escolar.